



Debate

Públicos que se criam a si próprios

16 de Junho às 18h30

A ideia da “criação de novos públicos” assenta muito na importância da criação de hábitos em criança. Se não forem os pais a criá-los, o ideal é que seja a escola e, melhor ainda, as organizações culturais em colaboração com a escola. Pressupõe também que as pessoas nascem sem Cultura e que, se os hábitos não forem “criados”, a Cultura continuará a faltar-lhes.

Se esta ideia é problemática e redutora quando aplicada aos públicos, ela perde sentido ao constatarmos que não são poucos os profissionais do sector cultural que não tiveram um contacto formal com o que chamamos de “Cultura” até mais tarde nas suas vidas. E que, em determinado momento, decidiram que era precisamente nesta área que iriam construir a sua carreira.

O que os levou a optar por uma profissão na área cultural? Qual foi o seu percurso? Que ferramentas, visões ou fragilidades terão trazido para “o meio”?

Convidados especiais: Anabela Afonso, Elisabete Paiva, Luís Ferreira

Resumo

Anabela Afonso

Pensando no meu percurso na infância e juventude, nada fazia prever que ia trabalhar na área da Cultura. Da primeira vez que estive numa reunião de programação (no Teatro Municipal de Faro – hoje, teatro das Figuras), não senti de todo que pertencia ao “meio”.

Cresci em Bordeira (freguesia de Santa Bárbara de Nexe), numa zona do interior do Algarve, “longe” da praia, a 17 Km de Faro. Era uma terra que tinha as suas próprias práticas culturais, de cultura popular, onde a música – e em especial o acordeão – tinha um papel central. Comecei, então, a aprender o acordeão. Mais tarde continuei os meus estudos no Conservatório de Faro (Teatro Lethes) e foi aí que vi pela primeira vez aulas de dança. Fiquei fascinada, quis ter aulas de ballet, mas não havia. Quando cheguei a Lisboa para estudar, procurei logo um sítio onde pudesse dançar. Tive a minha primeira aula de ballet aos 18 anos.

Regressando ao Algarve, trabalhei para a Associação de Municípios. Lembro-me que na altura não havia espaços que acolhessem um espectáculo de dança de alguma dimensão. Lembro-me de ir ver um espectáculo da Companhia Nacional de Bailado em Tavira, num pavilhão gimnodesportivo, que tinha sido adaptado para este efeito.

Mais tarde, fiz uma especialização em Gestão Cultural na Universidade do Algarve. No final dos anos 90, propus à Associação de Municípios a criação de uma área específica para a Cultura, mas a ideia não teve acolhimento. Acabei por sair da Associação de Municípios do Algarve e entrar na Câmara Municipal de Faro, exactamente na altura em que estava a arrancar o projecto do Teatro Municipal de Faro e em que se estava a desenhar também a Rede Nacional de Teatros e Cine-Teatros.

Claro que há muitas coisas no percurso que são acasos, mas há também uma determinação pessoal, um bichinho, uma paixão, a vontade de aprender mais. Os meus pais têm a 4ª classe, a minha avó materna aprendeu a ler sozinha (com romances cor-de-rosa). Havia livros em casa do Círculo de Leitores. O primeiro que li, com verdadeiro prazer de leitura, foi o “Monte dos Vendavais”.



Com esse livro percebi, pela primeira vez, que os livros nos podiam levar a viajar – por outros sítios, por outros tempos, por outras vidas. Eu cresci nos anos 80 a ver a série “Fame”. Mais tarde saiu o “Flashdance”, filme que, depois de ver no cinema, vi dezenas de vezes em VHS. Nas escolas secundárias vivia-se a febre do break dancing. Foi, em parte, deste contexto que nasceu a minha paixão pela dança.

Gostava da minha terra, da sua cultura popular, da forma apaixonada como aqui se viviam as suas tradições, mas, a dada altura, senti que queria ver/aprender mais.

Luís Ferreira

Cresci na aldeia de Cem Soldos, uma terra com uma vida associativa forte e com dinâmicas culturais diversas, que mantinham a comunidade acesa. A geração anterior deu aos mais jovens ferramentas para conhecerem o mundo e para se desenvolverem (campos de férias, viagens ao estrangeiro). Havia também uma relação forte com Lisboa, tínhamos acesso a muitas coisas. Tínhamos o sentimento da pertença ao lugar, ao mesmo tempo que viajávamos muito. Cem Soldos é uma aldeia europeia!

Estávamos também muito envolvidos na produção de várias iniciativas: mostra de teatro amador, danças de salão, formação musical, coro, bandas. Realizávamos festas onde se tocava e se dançava. Sentíamos a necessidade de devolver à comunidade.

Estudei design nas Caldas da Rainha (ESAD). No meu tempo, a exposição dos trabalhos dos finalistas foi, pela primeira vez, apresentada fora das Caldas, na aldeia de Cem Soldos. Outros jovens levavam também as suas experiências para a aldeia, mostrávamos o mundo a Cem Soldos, havia uma relação muito aberta com outros contextos e realidades.

A associação local, que faz 25 anos, criou o Festival Bons Sons. A vantagem, no meu ver, foi que fizemos o que quisemos, por nós, sem protocolos. Tivemos uma ideia descomprometida do trabalho que se pode fazer na área da cultura popular. O público da aldeia não estava à espera de certas propostas; os artistas conheceram um público que não era o deles.

Sinto-me ainda um outsider nesta área, trago um olhar de fora. Cresci num contexto onde não havia hábitos, mas era um contexto de valorização. Os meus pais não tinham o que chamamos de “hábitos culturais”, mas levavam-nos para ver sempre que acontecia algo na aldeia. Víamos também televisão. O canal 2 foi essencial para o meu crescimento, para o despertar do meu olhar. Tive contacto com o cinema, a poesia, espectáculos, mas, sobretudo, com o debate e pensamento.

Elisabete Paiva

Cresci também num meio rural. Nunca tive qualquer apetência pelo associativismo e não gostava do lugar onde vivia. Não me sentia identificada, sentia-me sozinha, queria sair.

Sentia-me fascinada por outras línguas, talvez por o meu padrinho ser inglês (era o patrão do meu pai), e aprendi rapidamente línguas, fazia parte dos meus planos de saída.

No entanto, o meu pai era uma pessoa do mundo, muito envolvido em diversas iniciativas: era treinador de basket e acompanhava os miúdos da terra no futsal, participava em peças de teatro amador, ajudava na missa, fazia parte do grupo coral. É a ele que devo o meu gosto pela música erudita.

Um padre de fora, que a freguesia convidou, reuniu no coro pessoas com baixa escolaridade, algumas das quais não sabiam ler ou escrever. O coro tornou-se muito bom e, por isso, apresentava-se noutros locais, em Portugal mas também em Espanha. As famílias iam atrás, ficavam a conhecer outros coros.

Somos muito mais autodidactas do que pensamos. O desejo parece vir quando há falta. Na minha casa havia poucos livros – das colecções do Círculo de Leitores e do Reader's Digest. Não havia livros infantis. Com 8 anos li o "Romeu e Julieta" e com 9 as "Mil e uma noites". Os livros transportavam-me além, para qualquer coisa que me fazia falta.

Tenho um tio que foi, durante muito tempo, o único licenciado na família. Foi uma espécie de irmão mais velho para todos os sobrinhos. Muitas vezes, era ele a pagar a primeira mensalidade de uma actividade (aulas no instituto inglês, aulas de música) e depois incentivava os pais e os avós a continuar a assegurar o pagamento. Por um lado, já na adolescência, tinha uma vida muito preenchida, mas queria ir viver para o Porto.

Quando entrei no secundário, disse aos meus pais que queria estudar Artes – concretamente, arquitectura, o que não lhes pareceu tão mau, era respeitável. No 12º, anunciei que não queria seguir para o ensino superior, queria fazer dança. Foi um choque, o meu tio teve de intervir.

Acabei por ir para a Faculdade de Arquitectura do Porto, mas envolvi-me rapidamente com o grupo de teatro da faculdade (TAP). Entrei pela primeira vez num teatro quando fui estudar para o Porto. Com 18 anos fui ao Teatro Nacional São João ver a "Tempestade", seguindo uns amigos. Pela mesma altura, vi a "Fláuta Mágica" no Theatro Circo em Braga. Usava as minhas poupanças e ia.

Não voltei para Vila Nova de Famalicão. Trabalhei – dei explicações, trabalhei numa gelataria e também no Jumbo. Mais tarde, a minha madrinha convidou-me (porque falava várias línguas) para fazer visitas guiadas nas caves do vinho do Porto. Um dia, uma amiga ligou-me a dizer que o pai tinha criado um curso de estudos teatrais na Universidade de Évora que "era a minha cara". Tirei folga, fui a Évora, fui aceite no curso.

Debate

- De que forma a vossa experiência de vida vos ajuda a pensar o vosso trabalho hoje?

Anabela Afonso: Sei que tive sorte. Os "acazos" juntaram-se à minha necessidade de ter mais, de conhecer mais. Mais sei que esta é a excepção. Na minha geração, nunca vi ninguém a ter a mesma necessidade. Não os consegui levar comigo, achavam uma seca, pensava que não era para eles. Se desde miúdos tivermos mais contacto com as artes e os artistas na escola, poderemos ter mais casos de valorização.

Luís Ferreira: Há muitas pessoas que não estão envolvidas, têm os seus hábitos. Há uma ausência de necessidade e de valorização. Fazem a distinção entre "nós" e "eles", ergue-se a barreira de "Isto não é para mim...". Devemos criar em conjunto e os jovens devem poder apropriar-se das coisas. Temos que começar a partir do que lhes faz sentido, dentro daquilo que valorizam e levá-los para outras coisas. Pensar no que sabem e no que podem vir a saber, alimentar a sua curiosidade. No entanto, tudo isto deve ter uma dimensão profissional também, que possa ajudar a criar mais conteúdo. Não se pode ficar pelas associações, muitas das quais são muito conservadoras e afastam os jovens. Os profissionais são um "mal necessário". Existe uma apatia cívica e as instituições públicas têm-se também afastado da prática cultural cívica. Temos de saber entregar as



coisas às pessoas, deixá-las apropriar-se, ao mesmo tempo que continuamos a apoiá-las. Trabalhamos para nos tornarmos desnecessários, é esta a minha utopia.

Elisabete Paiva: Discordo em relação ao “desaparecimento” das instituições culturais, isto seria bastante radical, embora tenha usado essa expressão várias vezes enquanto trabalhei num serviço educativo. Os serviços educativos, por exemplo, são espaços de desenvolvimento, de prazer e de descoberta, para depois fazermos escolhas. Devíamos, talvez, repensar no nosso modelo de organização. É necessário haver referências e o suporte profissional pode criar estas referências (exemplos de ética, rigor, visão). Precisamos de instituições deste género. Não podemos dizer que não somos do “meio”, a partir do momento em que somos profissionais. Há programadores que procuram contrariar o algoritmo. Somos todos responsáveis no “meio”, a partir do momento que chegamos a um lugar de poder. Precisamos de formar públicos desobedientes, numa perspectiva política. Tornarmo-nos num lugar de abrigo para que precisa de aprender a desobedecer. Se não for a Cultura a introduzir isso, quem será?

- Devemos trabalhar com os jovens de forma horizontal e não “para” eles. Devemos criar condições de acesso não apenas a espectáculos, mas ao sentido crítico, para uma pessoa poder tomar as suas decisões. Devemos capacitar as pessoas para questionar.
- Cheguei aos museus por acaso. Penso todos os dias no que posso fazer na minha prática profissional. Sinto o dever de realizar com entusiasmo e rigor as minhas funções, permitir que as pessoas possam criar ligações e referências.

Leituras

Paulo Pires, [Programador cultural: imagens e miragens de uma profissão](#)

Daniel Dias, [O programador cultural que viu os seus palcos mudarem de lugar](#) (sobre o trabalho do Luís Ferreira no 23 Milhas)

Pámela López and Andrés Kalawski, [Theatre programming: Freedom and silence](#)